

O TEATRO DE SUASSUNA: UMA PROPOSTA DE DISCUSSÃO SOBRE VALORES ÉTICOS E MORAIS NA EDUCAÇÃO

Zenildo Leandro de Melo (UEMS)¹

Aline Dessandre Duenha (UEMS)²

RESUMO: O presente artigo tem como finalidade discorrer sobre as possibilidades do uso do teatro, especialmente a partir dos textos de Ariano Suassuna para auxiliar os alunos no entendimento de valores éticos e morais, relativos à indisciplina e limites dentro da sala de aula. A partir do aparato teórico de Yves de LaTaille (2013), Ana Mae Barbosa (2011), Sábado Magaldi (1996), Maria F. R. e Fusari e Maria H. C.de T. Ferraz (2001), Olga Reverbel (1997), Paggi e Guareschi (2004), bem como de experiências pessoais vividas no estágio curricular supervisionado, pretende-se discutir os conceitos de ética e moral, provocando uma reflexão sobre a possibilidade do uso das aulas de arte, mais especificamente de teatro, para auxiliar o aluno na compreensão desses valores. Para isso, este artigo se desdobrará em dois diferentes momentos, sendo esses: *Ética, Moral e educação em arte e Uma experiência com a dramaturgia (teatro) de Suassuna na educação*. O primeiro deles abordará as definições e reflexões sobre ética e moral no ensino e o segundo momento a experiência vivida na realização do projeto de Iniciação Científica – PIBIC pelo autor do artigo, em que a utilização da dramaturgia de Suassuna se deu de maneira prática durante os anos de 2013 / 2014.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Teatro; Ariano Suassuna; Ética; Moral.

INTRODUÇÃO

É o indivíduo/aluno com sua conduta, seus comportamentos e atos, quem faz a história, construindo um caminho calcado num processo evolutivo que se chama educação. Todas as grandes realizações começam pequenas e qualquer pessoa pode sustentar a esperança e mudar o curso da vida. Há no homem capacidades e poderes que estão além de nossa compreensão, mas com esforço podemos encontrar sabedoria para perceber o que fazer e a força para, de fato, fazê-lo. A única escuridão que devemos temer está dentro de nós mesmos.

O presente trabalho pretende, a partir de teóricos como Yves de La Taille (2013), Nelson Pedro-Silva (2013), Ana Mae Barbosa (2011), Sábado Magaldi (1962), Maria F. R. e Fusari e Maria H. C.de T. Ferraz (2001), Karina Preisig Paggi e Pedrinho A. Guareschi (2004) e Olga Reverbel (1997), bem como de experiências pessoais vividas no decorrer do estágio curricular, discutir os conceitos de ética e moral,

¹ É acadêmico do curso de Artes Cênicas e Dança da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

² A orientadora Aline Duenha é Mestre em Estudos de Linguagens pela universidade Federal de Mato Grosso do Sul e professora convocada da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

provocando uma reflexão sobre a possibilidade do uso das aulas de arte, mais especificamente de teatro, para auxiliar o aluno na compreensão de tais valores.

O ensino está inserido no âmbito da educação e está relacionado ao contexto social e verificado no plano cultural, na evolução do conhecimento construído nas diferentes épocas, na atuação humana e nas relações que se impõem entre os homens. Entendo que para sanar um problema é necessário trazê-lo à luz, por isso se faz necessário refletir sobre o panorama geral do ensino da arte na educação que está posta hoje em dia, a fim de delinear um caminho sólido. Para preencher a possível lacuna referente à indisciplina e às questões de valores éticos e morais, lanço mão do estudo de alguns teóricos que já imprimiram pegadas nesta direção.

A educação é um assunto muito complexo e seus problemas exigem um mergulho vertical em direção à descoberta de suas causas. É a partir do conhecimento e da tomada de consciência sobre os diversos elementos envolvidos na educação dos alunos que há a possibilidade de um posicionamento crítico a fim de modificar as práticas estabelecidas.

Torna-se importante desenvolver uma reflexão a respeito de uma questão relevante na educação atualmente que são os problemas de indisciplina e de falta de limites em sala por parte dos alunos. Tentar desamarrar estes nós não é nada fácil e para isso este artigo se desdobrará em dois diferentes momentos:

1. Ética, Moral e Arte na educação
2. Uma experiência com a dramaturgia (teatro) de Suassuna no ensino médio e fundamental.

A primeira parte do trabalho tratará das conceituações a respeito do tema (Ética, moral e arte) e abordará definições de diferentes autores, podendo suscitar questões sobre as mesmas, provocando discussões referentes ao tema. Esse assunto diz respeito a toda e qualquer pessoa, não se tratando de questões específicas de sala de aula e nem somente de alunos pertencentes a certas camadas da sociedade, mas na vida como um todo. A ideia é que o indivíduo que compreende e pratica esses valores também exigirá uma resposta condizente, e como no teatro, a ação gera uma reação que se desencadeará fora dos portões da escola atingindo a vida pessoal de cada aluno.

A abordagem em seguida se dará acerca do assunto “Arte e educação contemporânea”. Serão utilizados estudos já realizados para embasar meu

entendimento sobre este tema e discutir a respeito do ensino de arte nas escolas e refletir se, da maneira como tem sido pensado, proposto e realizado, a disciplina pode auxiliar nas questões de desrespeito e indisciplina dentro do âmbito de sala de aula.

Na conclusão do trabalho o foco está voltado para minha experiência praticada junto a alunos do ensino fundamental II e médio, no estágio curricular supervisionado, e principalmente com o projeto de Iniciação Científica – PIBIC, realizado nos anos de 2013 / 2014 na Escola Estadual Antônio Valadares situada no município de Terenos - MS. Trabalhando com a dramaturgia de Ariano Suassuna pude constatar que há um vasto caminho propício para auxiliar os alunos a desenvolverem uma melhor compreensão de suas ações dentro da escola e o que o ensino poderá fazer por cada um deles pelo resto de suas vidas.

Ao concluir o estágio curricular obrigatório, com alunos do ensino fundamental e médio, a semente da possibilidade de mudança e fortalecimento do ensino foi plantada em mim quando vislumbrei o motivo da minha inquietação: o comportamento agressivo e o tratamento desrespeitoso, por parte dos alunos, ao professor dentro da sala de aula e aos colaboradores dentro da escola.

Percebendo que esses alunos são um organismo da natureza humana e que dela advém seus códigos de leis inexoráveis e contra as quais não há apelo, poderíamos entender como nos comportaríamos se estivéssemos em um navio cujo destino não conhecêssemos. Nesta situação o respeito mútuo seria o passo mais importante para a solução dos problemas de indisciplina e do comportamento agressivo da parte dos alunos.

A partir das minhas experiências nas regências enquanto estagiário e principalmente na realização e execução do projeto de iniciação científica, “O Teatro de Suassuna Transmitindo Valores na Educação”³, foi que se deu o interesse para tratar dessa questão. No presente artigo os teóricos acima citados me ajudarão num conjunto de conceitos que permitirá esclarecer o caminho escolhido por mim no sentido de entender o problema.

³ “O teatro de Suassuna Transmitindo Valores na Educação” foi um projeto realizado sem bolsa de estudos que fez parte do “Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC” realizado de agosto de 2013 a agosto de 2014 na Escola Estadual Antônio Valadares no município de Terenos – MS. Seu objetivo principal era refletir sobre a compreensão de valores éticos e morais com alunos através do teatro. A peça “O Santo e a Porca” de Ariano Suassuna foi escolhida por entender que, em seu conteúdo, estão contidos pontos que possibilitam discutir o tema proposto.

Durante meus anos na academia passei por vários estágios de busca de entendimento da minha função e por vários questionamentos sobre os objetivos do ensino de arte na escola. O que muitas vezes me fez levantar a cabeça e ir a diante foi ver algumas pessoas abordando questões como valores éticos, morais, limites e disciplina, bem como o pesado fardo que está sobre os ombros dos professores e da escola. Esta ansiedade foi se dissipando e tive a clareza de que não podia abandonar o barco e então comecei a ler autores que tratam desse assunto e uma vontade de fazer valer minha passagem na terra foi se construindo.

Esses estudos estão mostrando caminhos onde eu, atuando numa sociedade como um cidadão pleno posso auxiliar a humanidade, mas com muita modéstia e sabendo que o que tenho a aprender é um trajeto infinito a percorrer.

I - ÉTICA, MORAL E ARTE NA EDUCAÇÃO

Para falar em moral hoje em dia se faz necessário recorrer a muitas outras palavras que expliquem o seu teor, visto que a palavra moral vem carregada de muitos significados pejorativos, relativos à ideia de “regras morais”. É necessário lembrar, entretanto, que ao se falar de moral ou ética nesse trabalho, a referência direta é relacionada às escolhas humanas. Segundo Paggi e Guareschi: “Etimologicamente, ética e moral significam a mesma coisa: ética provem do grego, ‘ethos’, que significa costume; moral provem do latim, ‘mos, moris’, que significa também costume.” (GUARESCHI; PAGGI, 2004, p.147). Segundo essa definição, ambos os conceitos estão ancorados na ideia dos costumes arraigados na sociedade, cujo pilar devemos compreender a fim de realizarmos nossas próprias escolhas enquanto indivíduos.

A família é o principal condutor nos assuntos referentes à educação moral. É da educação familiar que são formados os conceitos de respeito ao próximo, às leis e que são explicitadas as principais regras que conduzirão o indivíduo durante toda sua vida. O presente trabalho não tem como objetivo retirar o direito e o dever da família em conduzir a educação dos filhos. Pelo contrário, acredita-se que essa é a principal e mais importante referência que um indivíduo pode ter.

A proposta desenvolvida aqui se embasa na ideia de relembrar valores que podem ou não terem sido ensinados pela família para que, a partir daí, se estabeleça

um processo de empatia a fim de que o aluno possa compreender melhor a importância de valores respectivos a sua conduta dentro e fora dos muros da escola.

Viver em comunidade requer uma postura firme, uma constante avaliação de nós mesmos, e manter um olhar cuidadoso com as relações pessoais, afinal “Nada mais difícil do que avaliar a “saúde” moral de uma sociedade” (LA TAILLE, 2013, p.15). Talvez não seja assim tão difícil se alcançarmos a compreensão de que moral é tudo aquilo que pertence ao fazer do indivíduo e que primeiramente a ele se refere. Ao praticar atitudes morais não devemos almejar que o outro enxergue o que estamos fazendo, tratando-se de uma restrição voluntária de liberdade de ação, mas que nossa atitude seja como um exemplo a ser seguido.

Falar de moral em sala de aula é tratar de um lugar específico cujo ambiente promove e apoia as relações entre as pessoas. Relações estas que permitem formar a experiência escolar dos alunos e a aplicabilidade desses termos, moral, ética, relações e pessoas, na educação tomou um sentido ambivalente. Até onde posso respeitar a individualidade da criança?

Mas essa experiência diz respeito ao tratamento com outros alunos, com o professor e com as regras, não se tratando de doutrinação em sala de aula e nem lições de caráter, mas sim de formar um ambiente onde o aluno respeita o professor colaborando com a harmonia dentro da sala e o professor respeita o aluno consultando-o sobre o andamento das atividades em sala. Segundo La Taille, a justiça deve ser o primeiro ponto que deve ser considerado a fim de identificar alguns valores universais:

Agir de forma justa corresponde ao dever de respeitar os direitos alheios [...] Nossas ações para serem morais, nunca devem fazer uso de outrem como instrumento para nossos objetivos pessoais, pois fazê-lo corresponderia a uma injustiça e a uma negação da dignidade alheia (LA TAILLE, 2013, p. 15).

Observa-se que muitas escolas instalaram equipamento de vigilância, tais como o monitoramento por câmeras nos corredores e pátios. A ação pode ser entendida como necessidade de vigiar o comportamento moral dos alunos que por sua vez deixam de cometer atos violentos e até mesmo um roubo. Essa estratégia muitas vezes demonstra desconfiança em relação à moral de cada indivíduo. Se ele é incessantemente utilizado, é por que a imoralidade é vista (com ou sem razão) como

regra, pois “Mais controle externo corresponde a menos controle interno” (LA TAILLE, 2013, p.18).

Estimular atividades em equipes em que o aluno possa estabelecer as regras do jogo, como gincanas, peças teatrais, esportes e feira de ciências, possibilitam que os alunos desenvolvam o inter-relacionamento e o espírito de competitividade, pois, as regras criadas nos eventos promovem a compreensão da participação individual auxiliando num maior autocontrole. La Taille salienta que ao pensar na escola observa-se a ausência da educação moral em seu seio:

No Brasil, felizmente extinguiu-se a triste disciplina educação moral e cívica, herança de um regime ditatorial e prova de abordagem autoritária para a formação das crianças e dos jovens. Mas que nada se colocou no lugar! Porque? Por que não é função da escola? Ora, sempre foi no passado, notadamente por meio do ensino religioso. Porque não há problemas de ordem moral nas escolas? Eles são incessantes e enchem-se auditórios de educadores cada vez que o tema são os limites, a violência, a falta de respeito, a incivilidade! Ou será que, coerentemente com o que vimos acima, há um descaso em relação a moral?” (LA TAILLE, 2013, p. 18).

Pensando assim, os discursos eloquentes que são feitos sobre como formar um cidadão poderiam ocupar um lugar mais efetivo em muitas escolas públicas e privadas tendo em vista que a moral diz respeito às relações sociais e, a escola sendo um ambiente de convívio escolar e social, não poderia deixar de tratar desse assunto.

Quando os valores morais são entendidos e praticados reverberam fora dos muros da escola. Contudo, o exercício é o de promover um harmonioso convívio escolar que colabora com a expressão da justiça e da dignidade e não de fazer discursos sobre o bem e o mal. Segundo La Taille: “Cem anos de estudos psicológicos demonstraram claramente que há um desenvolvimento moral e que esse depende essencialmente da qualidade das relações sociais nas quais a criança e o adolescente evoluem” (LA TAILLE, 2013, p.20).

O autor citado foi consultor dos PCNs - “Planos Curriculares Nacionais” (Brasil, 1997) e diz que o Brasil já possui uma pasta para educação moral. A escola não é o único lugar responsável para a educação moral, a família tem um peso valioso, e isso pode ajudar ou não ajudar o trabalho da escola e dos professores. Mas não pode significar um impedimento, isto é, se a escola não encontrar um caminho salutar para a formação moral, não terá legitimidade ao se queixar de incivilidade, desrespeito e violência. A respeito da ética individual, Aristóteles já explanava que:

O pior dos homens é aquele que exerce sua deficiência moral tanto em relação a si mesmo, quanto em relação aos seus amigos; e o melhor dos homens não é o que exerce a sua virtude em relação a si mesmo, mas em relação a um outro, pois esta é a tarefa difícil. Portanto, nesse sentido a justiça não é uma parte da virtude, mas a virtude inteira; nem seu contrário, a injustiça, é uma parte do vício, mas o vício inteiro (ARISTÓTELES, 2007, p. 105 - 106).

A ética comanda todos os atos da virtude. La Taille (2013) argumenta que o significado e o valor da vida se referem ao plano ético e que a felicidade é um tema muito discutido pelos filósofos e tem a ver com a procura de uma vida significativa. “Com efeito, que indagação pode ser mais importante do que esta que diz respeito à ‘vida boa’? Mas nem todas as respostas merecem o nome de ética, somente o merecem aquelas coerentes com a moral” (LA TAILLE, 2013 p. 21).

O autor Nelson Pedro-Silva (2013) comenta que em relação à indisciplina na escola, além de preocupar todo o corpo docente, o professor não mais acredita que possa haver mudança nessa questão e que ele não sabe mais o que fazer para manter a disciplina dentro da sala de aula, já tendo empregado todos os métodos possíveis como conversar com pais e alunos, aplicar suspensão e pontos negativos. Mudaram a metodologia e nada garantiu a adoção disciplinar e a diminuição da violência.

Salienta ainda que o tema referente à ética está sendo frequentemente debatido pelos professores brasileiros e que a indisciplina tem uma parcela produzida pelas relações interpessoais e só será superada se houver consideração no aspecto social mais amplo e ligados à política educacional vigente. De acordo com o autor, indisciplina pode ou não ser praticada conscientemente.

Quanto à conceituação de indisciplina, e por consequência de disciplina, definimo-la como toda ação moral executada pelo sujeito e que está em desacordo coletivamente, com as leis impostas ou construídas coletivamente, tendo o indisciplinado consciência ou não deste processo de elaboração (SILVA, 2013, p. 77).

Ainda na esteira do autor, pesquisas feitas sob a ótica piagetiana mostram que geralmente os alunos indisciplinados são os mais inteligentes, curiosos, espertos e possuem conhecimento moral, embora a “hiperatividade” é um fato a ser considerado, não se enquadrando, necessariamente no contexto da indisciplina. Silva conclui que “todo ato de indisciplina implica a prática de uma ação violenta, pois, ao agir de maneira indisciplinada, sempre se está violentando algo, seja ele legítimo ou não” (SILVA, 2013, p. 77).

Ana Mae Barbosa (2011) estudando sobre a influência americana do ensino da arte no Brasil, traz o pensamento de John Dewey para este tema, salientando que desde o início suas ideias foram recebidas erradamente. John Dewey aborda a diferença entre “brincadeira e diversão” muito pertinente quando refletimos sobre ensino de arte em nossas escolas e de como empregamos a prática artística com os alunos. Se o ensino de arte não for direcionado com o intuito de auxiliar o aluno a compreender a realidade atual e nela se posicionar coerentemente, este aluno poderá pensar que a arte é apenas entretenimento.

Barbosa descreve a seguinte afirmação: “A arte é sempre o meio-termo, o vínculo entre diversão e trabalho, entre lazer e indústria.” (BARBOSA, 2011, p. 30), ou seja, o espírito com que se faz é que torna uma pessoa livre ou servil. Os jovens estão nos dias atuais livres da responsabilidade de gerar rendas, uma vez que são incentivados a permanecerem na escola e a dar prioridade aos seus estudos. Compreender, entretanto, que o estudo é o caminho mais eficaz para obter uma vida justa, artística e econômica torna o período de estudo um fator a ser levado com seriedade. Ana Mae Barbosa (BARBOSA, 2011, p. 30) traz a seguinte explanação;

Mesmo fato, o desdobramento da vida emocional e o desenvolvimento ordenado das condições externas materiais – isso é arte. A brincadeira não é diversão; o jogo infantil não é recreação. Diversão e recreação são ideias que requerem uma experiência de monotonia, de trabalho executado, para lhes dar significado. A brincadeira como um trabalho, como uma atividade livremente produtiva e a indústria como um lazer, ou seja, como uma ocupação que satisfaz a imaginação e as emoções tanto quanto as mãos é a essência da arte. A arte não é um produto exterior nem um comportamento externo. É uma atitude de espírito, um estado da mente – aquele que exige para sua própria satisfação a realização da formulação de questionamentos uma forma nova e mais significativa. Perceber o significado do que se está fazendo e se regozijar com ele, unificar, simultaneamente e em um mesmo fato, o desdobramento da vida emocional e o desenvolvimento ordenado das condições externas materiais – isso é arte (BARBOSA, 2011, p. 30).

O professor que muda a rotina monótona variando seu modo de dar aula pode atrair a atenção dos alunos simplesmente porque não estavam esperando por isso. O que é realmente relevante, entretanto é que o aluno sinta que o professor quer auxiliá-los, que está interessado na pessoa que ele é e a demonstração disso vem concebendo a disciplina de arte como um conjunto orgânico de legítimo valor intelectual e artístico. Jogar futebol, conversar com seu grupo preferido, navegar na internet é sem dúvida a preferência dos jovens, contudo devem aprender a trabalhar porque certamente terão que fazer isso logo que terminarem os estudos. Um professor resoluto poderá dialogar com os alunos a respeito de sua concentração nos estudos

e resolvendo sua tarefa diária constitui-se num passo valoroso de aprender a gostar de trabalhar.

No livro *A arte na Educação Escolar* (FUSARI e FERRAZ, 2001) as autoras discorrem sobre a arte na educação e para elas a fundamentação de uma proposta de ensino aponta para a articulação do fazer, do representar e do exprimir, e que a concretização da obra de arte se faz no contato com as pessoas onde o ato criador se completa. O trabalho artístico de toda natureza opera de dentro para fora e vice versa. É importante que o aluno produza um trabalho artístico e que tenha oportunidade de mostrar aos demais colegas, pois, a experiência de “se expor” para o grupo se traduz em fortalecimento, tanto para quem fez quanto para quem observa, além de ser uma forma de se inserir socialmente.

Trata-se de não enxergar a escola como único segmento da sociedade, mas como um processo de ampliação da conscientização política que ocorre na prática social do cidadão. Fuzari e Ferraz entendem que:

A educação escolar deve assumir o ensino do conhecimento acumulado e em produção pela humanidade, isto é, deve assumir a responsabilidade de dar ao educando o instrumental necessário para que ele exerça uma *cidadania consciente, crítica e participante*. Isto implica em que o trabalho pedagógico propicie uma crítica social, no sentido de transforma-lo (FUZARI; FERRAZ, 2001, p. 46).

Quando o aluno participa de uma atividade proposta falando e se movimento livremente de acordo com seu entendimento, ele formula internamente resoluções de dificuldades que ele está vivendo na vida real, e ao refletir sobre a atividade descobre que, o problema ora enfrentado, aos poucos vai se dissolvendo e assim, criando estímulo para seguir adiante.

Portanto, o ensino através das práticas teatrais, ainda que seja dentro da sala de aula, oferece a oportunidade de constantes trocas entre o indivíduo e o meio social. O aprendizado não advém somente do ler ou escutar, mas da ação, sendo o momento em que acontece o encontro que brota a expressão. É nesse exato momento que ocorre o encontro entre os dois mundos, o interior (eu) e, o exterior (mundo), nessa busca o aluno se expressa e se revela.

II. UMA EXPERIÊNCIA COM A DRAMATURGIA (TEATRO) DE SUASSUNA NO ENSINO MÉDIO E FUNDAMENTAL

O teatro é um recurso valioso que aliado à educação amplia horizontes aos alunos, mostrando a diversidade que há na cultura e que se manifesta na construção do ser humano. A dramaturgia é um elemento essencial no teatro e pode servir como processo auxiliar na busca de entendimento sobre questões referentes à indisciplina e às escolhas em suas vidas.

Em uma experiência vivida em um projeto de iniciação científica pude constatar que ao fazer uso de uma obra dramaturgical é possível envolver os alunos em questões que, por outras vias se tornariam mais difíceis de elaborar. A escolha por Ariano Suassuna se deu devido ao fato de o autor possuir uma dramaturgia clara, com uma linguagem acessível aos jovens, porém contendo em seus textos mensagens morais, passíveis de serem discutidas com os alunos.

O dramaturgo Ariano Vilar Suassuna nascido em João Pessoa no dia 16 de junho de 1927 é um dramaturgo, romancista e poeta brasileiro, escreveu mais de quinze títulos, sua dramaturgia está intimamente ligada à realidade cultural nordestina. Ariano Suassuna traz em suas obras o popular e o erudito (clássico), vindo à tona a linguagem comum, conforme Magaldi descreve:

Funde o dramaturgo, em seus trabalhos, duas tendências que se desenvolvem quase sempre isoladas em outros autores, e consegue assim um enriquecimento maior da sua matéria-prima. Alia o espontâneo ao elaborado, o popular ao erudito, a linguagem comum a estilo terso, o regional ao universal (MAGALDI, 1997, p. 236-237).

Suassuna apresenta seu trabalho com base no popular brasileiro, sem que haja sutilezas ou requintes. Mas ainda assim, sua dramaturgia é inteligente e lúcida. Um exemplo do que se encontra nas obras de Suassuna é o personagem João Grilo da obra *O Auto da Compadecida* que faz lembrar o Arlequim da peça *Arlequim servidor de dois amos* de Carlo Goldoni, onde o personagem é um sujeito com características humanas: o malandro, desocupado, o conservador, o homem sem objetivo, um herói sem nenhum caráter.

Em outro momento, ainda na obra *O Auto da Compadecida*, Suassuna combate o preconceito de cor, onde Deus aparece como negro e Nossa Senhora branca. Valores humanos encontrados nas obras de Suassuna vêm impressos através dos textos e encenados por meio do teatro.

Teórica, autora e professora do Estado do Rio Grande do Sul, Olga Reverbel é considerada nacionalmente uma das precursoras do movimento conhecido como

Teatro e Educação. A autora coloca lado a lado os assuntos da cena e da educação contemporâneas, presentes nos debates sobre ensino de teatro, iniciando o trabalho por volta do ano de 1936 que começa sua carreira de docência. De acordo com Reverbel:

É preciso lutar para que o Teatro tenha seu lugar na Educação, porque se ele existe na sociedade, deve existir na escola. O Teatro é o caminho para as escolas atingirem uma integração entre os sujeitos de forma criativa, produtiva e participativa, é um recurso pedagógico eficaz no desenvolvimento do educando, preparando-o a discernir os problemas em que ele irá enfrentar na sua trajetória de vida. (REVERBEL, 1997, p. 168)

Bastante já foi feito em prol da inserção do teatro no ensino regular, a Lei de Diretrizes e base (LDB), garante aos alunos, a disciplina de ensino de arte em seu currículo. No capítulo I, lei nº 12.287, da educação básica, o art.26, §2º diz:

O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. (LDB, 2010, s.p.)

No entanto, o teatro como prática pedagógica precisa ser fortalecido como um processo eficiente apreensão de conhecimento, não apenas como atividade lúdica ou recreativa. Para isso é importante que o professor se sinta estimulado a aperfeiçoar sempre seu conhecimento, não apenas com uma primeira graduação, mas ingressando em estudos aprofundados como um mestrado ou doutorado. É na academia que as possibilidades se ampliam, proporcionando execuções de projetos científicos comprovando que, no caso, o teatro é uma ferramenta eficaz no aprendizado do aluno.

No período que compreendeu entre agosto de 2013 a agosto de 2014 foi desenvolvido o Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação Científica - PIBIC/FUNDECT, com alunos da Escola Estadual Antônio Valadares, em que o objetivo era discutir sobre valores éticos e morais tendo como base o primeiro ato da peça teatral de Ariano Suassuna *O santo e a porca* (1979). O texto foi escolhido por conter pontos convergentes que possibilitam debater o tema proposto.

Os resultados alcançados foram satisfatórios, mas é importante ressaltar que alguns objetivos específicos foram atingidos de forma processual, tais como: valorizar e incentivar, através do processo criativo, as escolhas dos alunos/indivíduos; estimular o reconhecimento da importância da coletividade; fortalecer o vínculo dos alunos com a escola.

Tal processo ficou evidente na observação do seguinte caso: uma das alunas, que trazia em seu histórico escolar atitudes agressivas e de repúdio a alguns de seus professores, passou a apresentar comportamento aprazível em sala de aula e também junto a seus colegas. No início do projeto, por várias vezes a referida aluna comentou que nutria verdadeira ojeriza para com a diretora da entidade. Foi relatado, por parte da diretora que essa aluna foi se desculpar junto a ela, por práticas agressivas, propondo-se a modificar seus hábitos. A referida aluna relatou ter adotado comportamentos menos impulsivos para com os colegas e que mudou de atitude, procurando se desculpar com as pessoas que agrediu. Paggi e Guareschi salienta que:

Nós nos guiamos pelos nossos critérios e pelos nossos pontos de vista e definimos todas as coisas a partir de nós. Mas tanto o diálogo como, principalmente, o amor são *relações*. E relação é algo que implica o outro. A própria definição de relação, como vimos, mostra que esta não pode existir sem o outro. Sendo assim, eu não posso, sozinho, dizer que aquilo que eu garanto ter para com os outros é verdadeiramente *amor*. Temos de, humildemente, tentar saber como é que chegamos até lá. (GUARESHI; PAGGI, 2004, p. 174 - 175).

Também é relevante o caso de outro estudante, considerado “aluno-problema” que, instigado pelas atividades de leitura nas aulas de teatro, interessou-se por frequentar a biblioteca da escola solicitando à funcionária que lhe indicasse livros para ler.

Tal discurso foi verificado, entre outros meios, através de três questionários aplicados ao longo do desenvolvimento do projeto – começo, meio e fim - bem como a observação do comportamento dos estudantes participantes. O exercício de ouvir e acatar as determinações obtidas após as reflexões em conjunto demonstrou ser uma parte importante no desenvolvimento do projeto, pois, os alunos viam suas resoluções tomadas em consenso, serem aplicadas no desenvolvimento do trabalho. Uma delas foi de que o foco principal do trabalho não seria mais a apresentação da peça teatral ensaiada, mas o entendimento do conteúdo e que cada frase pudesse ter seu teor apreendido e assimilado. A partir dessa decisão conjunta o tempo que passamos em trabalho tomou um sentido mais ampliado.

Desse modo, ler a peça teatral, fazer os exercícios corporais e de respiração, praticar os jogos ancorados na bibliografia de Reverbel, o que era extremamente difícil no início e constantemente recusado por todos, com o decorrer do tempo foi se

tornando mais acessível e os alunos foram entendendo que essas atividades lhes proporcionavam aprimorar o entendimento sobre teatro, bem como sobre os valores éticos e morais e senso de responsabilidade. No entendimento de Paggi e Guareschi:

O conhecer é sempre um triângulo; eu, o outro e o objeto. Antes, pensava-se que para compreender bastava um sujeito que compreendesse e um objeto a ser compreendido. Agora se vê que esse sujeito implica sempre um *outro* sujeito, isto é, uma outra pessoa (GUARESCHI; PAGGI, 2004, p. 176).

Começava nessa fase, a soma da relação entre os problemas vividos dentro do teatro e os verificados na vida, demonstrando o que já foi dito anteriormente, que é preciso olhar para cada um de maneira ímpar, a fim de não confundir, por exemplo, hiperatividade com indisciplina. Todos trazem dentro de si condutas inestimáveis e o professor, ao se manter tranquilo e observador consegue traduzir os entendimentos antes embotados em práticas salutareas para o indivíduo, para a família e a sociedade.

Isso se comprovava quando eles relatavam problemas em sala de aula, sem nenhum constrangimento: citavam nomes e ameaçavam abrir processos jurídicos contra este ou aquele professor. Decorrido certo tempo, já no período de ensaios, o respeito (ou a desenvoltura) com que falavam desses impasses eram surpreendentes, pois demonstravam bastante clareza de que faziam parte desses problemas. É possível que essa prática tenha sido bem sucedida porque a arte com suas ferramentas mais diversas, e quando há persistência e fraternidade, consegue acessar pontos possíveis de transformação, sem com isso modificar o caráter do indivíduo ou imprimir um pensamento doutrinador, mas sim, estabelecer relações entre continentes, isto é, entre os seres humanos.

O professor de arte ao se empenhar em sua formação intelectual e pedagógica sobre o assunto transforma sua relação com os demais funcionários da escola, fazendo com que não pare nenhuma dúvida em relação ao seu trabalho, haja vista que as datas comemorativas são quase sempre atribuídas à sua função compulsoriamente. Não se trata de negar participação nos eventos, mas deixar claro junto aos coordenadores que o conhecimento está para as aulas de teatro do mesmo modo que está para as demais disciplinas, argumentado que sua tarefa exige trabalho efetivo dentro da sala de aula. Esclarecer esse assunto é saudável para ambas as partes: professores e direção.

Muitas transformações ocorreram durante o projeto com os participantes referente ao tema proposto, mas foi necessário muito esforço para conseguir que o espaço físico, que antes era uma sala de depósito, portanto insalubre para a convivência humana, fosse aos poucos ganhando aparatos, garantindo assim que as atividades ocorressem com dignidade. Esse fato contribuiu para aumentar o interesse dos alunos pelas aulas, revelando que o grupo não era mais anônimo possuindo, então, um propósito comum, inclusive o de tornar o espaço físico disponível na escola parte integrante do processo de aprendizagem.

E foi dessa maneira, com muita calma, paciência e persistência que foi se tornando possível observar que a escola acolheu o grupo e essa batalha foi alcançada devido aos integrantes disseminarem tanto em sala aula como nos corredores e com a família a adesão de valores inerentes a cada um e que foram incessantemente discutidos. Numa ocasião, ainda na vigência do projeto, houve um desfile em comemoração ao aniversário da cidade. O grupo participou e houve a adesão de outros alunos integrando o bloco, ato que insere o grupo de teatro na comunidade escolar e se faz conhecer por todo o corpo docente. Isso aconteceu de forma voluntária, como deve ser a aprendizagem verdadeira.

PALAVRAS FINAIS

Discorrer sobre valores éticos e morais equivale a dizer que todas as nossas atitudes estão pautadas por esses valores. No entanto com o passar dos anos, novos conceitos são elaborados e assimilados na sociedade acarretando mudanças na esfera pessoal e conseqüentemente nas leis que regem a sociedade e a compreensão desses valores carece de uma constante reflexão a fim de dissolver possíveis dúvidas a esse respeito.

Após ponderar sobre esses valores na educação em arte, a prática do processo artístico na escola que associa a experimentação com a sensibilização se mostra com substancial importância para discutir sobre o assunto, pois durante o ato de praticar efetivamente o fazer artístico com os alunos torna-se possível perceber que não há muito tempo para pensar a esse respeito e por isso o educador deve estar atento para refletir sempre que possível e com cautela sobre os problemas surgidos em sala de aula assim como pontuar através das conversas os ganhos obtidos.

A experiência prática do ensino de arte deve caminhar num processo gradativo e a criatividade precisa permear sua construção para se desdobrar em situações singulares, transformando-se numa infinidade de possibilidades que encanta a cada passo quem tem paciência para admirar. As relações humanas dizem respeito ao contado com o outro e isso se dá a todo o momento e circunstância.

Desse modo fica claro que discorrer sobre valores é uma coisa, mas vivenciá-los na prática é outra bem diferente e ao mesmo tempo algo muito instigante e desafiador. Como já foi dito anteriormente o ponto central da ética está no relacionamento entre as pessoas, e foi possível constatar, durante a execução do projeto na escola Antônio Valadares, que quando se dialoga com frequência sobre o assunto estabelecendo o tempo necessário para a compreensão do mesmo, os resultados vão trazendo benefícios eficazes na vida desses alunos.

Contudo o significado maior que soma a minha experiência é o de seguir o caminho iniciado e projetar novas expectativas e objetivos. Ao confeccionar este artigo inevitavelmente revivi as emoções de quando executei esse trabalho na Escola Antônio Valadares, o que me fez perceber muitas vezes impotente e confuso, esses sentimentos culminaram na percepção da minha imagem em relação aos meus alunos que gentilmente compartilharam suas vidas comigo, mostrando-me ainda mais o real valor da responsabilidade. Por fim, essa experiência me trouxe a comprovação de que o teatro é um instrumento aglutinador de experiências, e um forte equacionador entre a arte e o ensino.

REFERÊNCIAS

ARISTOTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Pietro Nassetti. Editora Martin Claret: São Paulo, 2007.

BARBOSA, Ana M.. *John Dewey e o ensino da arte no Brasil*. 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BRASIL. Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em 04 outubro de 2015.

FERRAZ, Maria H. C. de T.; FUSARI, Maria F. de R. *Arte na educação escolar*. 2ª. ed. Revista. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Magistério 2º grau. Série formação geral)

LA TAILLE, Yves de. “A Escola e os Valores: Ação do professor”. In: LA TAILLE, Yves de; JUSTO, José S., PEDRO-SILVA, Nelson (Orgs). *Indisciplina, disciplina: ética, moral e ação do professor*. ed. – Porto Alegre: Mediação, 2013, p. 05-28.

MAGALDI, Sábado. *Panorama do teatro brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Global, 1997.

GUARESCHI, Pedrinho A.; PAGGI, Karina Preisig. *O desafio dos limites: um enfoque psicossocial na educação dos filhos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

PEDRO-SILVA, Nelson, “A Escola e os Valores: Ação do professor”. In: LA TAILLE, Yves de; JUSTO, José Sterza, PEDRO-SILVA, Nelson. (Orgs). *Indisciplina, disciplina: ética, moral e ação do professor*. Porto Alegre: Mediação, 2013, p. 69-117.

REVERBEL, Olga Garcia. *Um Caminho do Teatro na Escola*. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

SUASSUNA, Ariano. *Seleção em prosa e verso / Ariano Suassuna*. Organização Silvano Santiago; ilustração Zélia Suassuna. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.